

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Michelli Cristina Caetano

**A MÚSICA COMO LINGUAGEM MEDIADORA DA APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO GLOBAL DO SUJEITO**

Mariana
2019

Michelli Cristina Caetano

**A MÚSICA COMO LINGUAGEM MEDIADORA DA APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO GLOBAL DO SUJEITO**

Monografia apresentada como requisito
para obtenção da graduação em Pedagogia
pelo Departamento de Educação do
Instituto de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal de Ouro Preto.

Área de Concentração: Educação

Orientação: Prof. Dr. José Rubens de Lima
Jardilino

Mariana
2019

C128m Caetano, Michelli Cristina.
A música como linguagem mediadora da aprendizagem e desenvolvimento global do sujeito [manuscrito] / Michelli Cristina Caetano. - 2019.

42f.:

Orientador: Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação.

1. Aprendizagem. 2. Música na educação. 3. Música e linguagem. 4. Educação Infantil. 5. Ensino Fundamental. I. Jardimino, José Rubens Lima. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 37:78

Catálogo:
ficha.sisbin@ufop.edu.br



FOLHA DE APROVAÇÃO

Michelli Cristina Caetano

A música como linguagem mediadora da aprendizagem e desenvolvimento global do Sujeito

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura

Aprovada em 24 de novembro de 2019

Membros da banca

Dr. José Rubens Lima Jardimino - Orientador- UFOP

Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim - UFOP

Dra. Maria Teresa Castro - UFOP

[Titulação] - Digite o nome (apenas a primeira letra de cada nome maiúscula) - Orientador(a) (Nome da instituição por extenso)

[Titulação] - Digite o nome (apenas a primeira letra de cada nome maiúscula) - (Nome da instituição por extenso)

[Titulação] - Digite o nome (apenas a primeira letra de cada nome maiúscula) - (Nome da instituição por extenso)

[Titulação] - Digite o nome (apenas a primeira letra de cada nome maiúscula) - (Nome da instituição por extenso)

[Digite o nome do orientador (apenas a primeira letra de cada nome maiúscula)], orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em XX/XX/XXXX



Documento assinado eletronicamente por **Jose Rubens Lima Jardimino, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/05/2021, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0169369** e o código CRC **64C184B0**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todos (as) profissionais da educação que acreditam que a maior arma que o ser humano pode portar é o conhecimento. Que mesmo vivendo em tempos difíceis não desistem e lutam para que a educação seja libertadora e levada até aqueles que estão mais distantes e que são os mais necessitados. Sigamos juntos (as)!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus Avós, aqueles que não percorreram esse caminho em vida comigo, mas se fizeram presentes em meu coração, e foi olhando à suas trajetórias que busquei forças para alcançar algo que lhes foi tirado.

Agradeço aos meus Pais Irma e Manoel, que por diversas vezes abriram mão de seus desejos para que os meus fossem realizados, por serem exemplos de força e determinação em cada atividade que se propõe a fazer. Hoje me sinto orgulhosa, e vou tentar retribuir cada gesto nesse novo início de caminhada.

Agradeço a minha Irmã Emanuelle e ao meu Irmão Iúry, crescermos juntos e me ensinaram a partilhar e que mesmo depois de alguma briga, o perdão é o ato mais sutil. Agradeço ao Paulo meu companheiro, dono de um dos melhores corações que eu conheço e do sorriso mais lindo, obrigado por acreditar em mim quando nem eu o fazia (um xêro).

Aos amigos e amigas que mesmo distantes torcem positivamente para meu sucesso, saibam que sem vocês ele não seria possível.

As professoras e professores que atravessaram meu caminho durante todo o meu percurso escolar, vocês despertaram em mim a vontade de aprender mais do que a de ensinar.

A Associação Cultural Os Canarinhos de Itabirito, foi nesta instituição que compreendi que poderia alcançar novos voos.

Ao Projeto CIA da gente/Lar/CAPSI no qual encontrei pessoas que deixaram ensinamentos que levarei por toda vida.

À Professora Tereza Castro, um presente inesperado que desperta em mim a vontade de continuar mesmo com tantas pedras no caminho.

Aos meus primeiros alunos Emanuel e Maria Eduarda, vocês me ensinaram a me ver no outro.

Gratidão.

RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de analisar quais são as reais contribuições da linguagem musical como mediadora no processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito nos níveis de ensino Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais) por meio de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório a partir de entrevistas e observações. Na ocasião foram realizadas duas entrevistas, uma professora de música do ensino fundamental e a outra professora de inglês da educação infantil. Os resultados indicam maiores contribuições relacionadas à cognição, ao psicomotor e ao social àqueles alunos (as) que têm contato com a música durante seu processo de aprendizagem. Foi possível compreender que a educação precisa de novas ferramentas que auxiliem os (as) profissionais da educação na mediação do conteúdo como uma forma menos engessada e prazerosa, tanto para professores (as) quanto para os (as) alunos (as). Essa temática exige mais estudos científicos, afim de que seja notável a relevância dessa linguagem como mediação de conteúdos.

Palavras-chave: Desenvolvimento, Música, Aprendizagem.

ABSTRACT

This present monograph aims to analyze the real contributions of musical language as a mediator in the learning process and development of the individual in the levels of preschool and Elementary School (early years) through a qualitative exploratory research based on interviews and observations. Two interviews were conducted, one elementary school music teacher and the other preschool English teacher.

The results indicate the major contributions refer mainly to cognition, psychomotor and social to those students who have contact with music during their learning process.

It was possible to understand that education needs new tools for help education professionals in the mediation of content less methodical and more pleasurable way, for both teachers and students. This subject area requires further scientific studies, so that relevance of this language as content mediation is significant.

Keywords: Development, Music, Learning.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| CAPÍTULO 1..... | 15 |
| CONTEXTO HISTÓRICO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO..... | 15 |
| 1.1 A música e educação na época medieval..... | 16 |
| 1.2 A música no Brasil e sua incorporação na educação..... | 19 |
| CAPÍTULO 2..... | 22 |
| APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA | 22 |
| 2.1 Papel do mediador na aprendizagem | 23 |
| 2.2 Zona de desenvolvimento proximal..... | 24 |
| 2.3 Música na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)..... | 25 |
| 2.4 A música como a linguagem da aprendizagem e desenvolvimento..... | 26 |
| 2.5 Contribuições cognitivas, psicomotoras e sociais..... | 29 |
| 3. COMPREENSÃO DOS DADOS..... | 30 |
| CONCLUSÃO..... | 37 |
| REFERÊNCIAS..... | 39 |
| APÊNDICES..... | 41 |

INTRODUÇÃO

Os motivos para realizar essa pesquisa tem a ver com a projeção da minha vida profissional como pedagoga, mas, especialmente como mulher negra que, felizmente pôde estar em contato com a música durante sua formação pessoal.

A pesquisa está localizada na cidade de Itabirito-MG, uma cidade que faz grande utilização da música e seus diversos aspectos. A música está à décadas em Corporações musicais fundadas nos anos de 1930 e 1896 que posteriormente formou corais, fanfarras, blocos de carnaval como o “Zé Pereira” e intensifica suas participações nas festividades tradicionais e se torna algo essencial na cidade. E para além desses ambientes, a música está também na escola. A única cidade na região dos Inconfidentes¹ que implementou de fato a Lei Nº 11.769, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica, e mesmo com sua revogação, continua sendo aplicada como aula especializada nas escolas municipais. Segundo o Censo Escolar/ INEP 2018 no Município de Itabirito estão matriculados na rede 3.313 alunos (as) no Ensino Infantil e 6.653 alunos (as) no Fundamental I e II, a Cidade conta com o total de 47 escolas contemplando urbanas, rurais, públicas e privadas.

Desde nova cantarolar pela casa me satisfazia de uma forma bem especial, o interesse pela música me levou a fazer parte de uma fanfarra por alguns anos. Durante a adolescência meu contato com a música se deu de maneira mais informal e fora do ambiente escolar. Estava sempre buscando músicas que me fazia expressar o sentir, na grande maioria das vezes as musicas que mais chamava atenção no meu círculo de amizade, não me satisfazia. Na verdade, acho que era uma busca; de conhecer variados tipos e gêneros musicais.

Mais tarde, tive a oportunidade de fazer parte do Coral Canarinhos de Itabirito que intensificou minha relação com a linguagem musical. Acredito que venha desta época a vontade de utilizar a música não só como prazer, mas em meu desenvolvimento pessoal, social, cultural.

Já no ensino superior tive a chance de fazer parte de um projeto de extensão, que primeiramente atuei em um lar de idosos e em seguida no Centro de Atenção

¹ A Região dos Inconfidentes refere-se a uma localização histórica, e não uma divisão geopolítica de Minas Gerais. No Mapa Político do IBGE ela aparece como Microrregião de Ouro Preto, pertencente à mesorregião metropolitana de Belo Horizonte. A Região dos Inconfidentes compreende os Municípios de Itabirito, Ouro Preto, Mariana, Acaiaca e Diogo Vasconcelos.

Psicossocial Infante Juvenil. Nos dois ambientes, posso dizer com segurança que era indispensável a presença da música para as atividades desenvolvidas. Percebíamos que o estímulo das músicas e suas contribuições para os/as atendidos/atendidas, era tanto que; em um caso específico, era a única forma de acalmar e tranquilizar crises de irritação/agressividade de um adolescente que atendíamos. Sem maiores questionamentos, como víamos o quanto ajudava, usávamos da música como um apoio ou mesmo um mediador nas ações que desenvolvíamos. Apesar de não haver o questionamento por parte dos colegas e orientações do projeto, as perguntas apareciam e eu as cultivava, sabendo que as responderia em algum momento da minha formação. Poderia enumerar algumas delas: qual tipo de música usar como suporte de alguma atividade que não tem como objetivo a música? Porque a música pode “acalmar” um adolescente com deficiência? Que tipo de contribuição a música pode trazer quando utilizada em quaisquer atividades? Como desenvolver um trabalho musicalizador com crianças do ensino fundamental, mesmo não tendo a música no currículo escolar?

No meu primeiro estágio de docência na educação infantil, no primeiro dia de aula fui surpreendida, ao me deparar com a música em todos os momentos e me questionar por não saber nenhuma. Dali em diante, a percebi como um componente faltoso em minha grade curricular.

A partir das experiências vivenciadas e os reflexos positivos a mim relacionados, me questiono: Por que não utilizar a música como ferramenta de ensino? Essa pesquisa busca contribuir significativamente para a compreensão do trabalho da música como mediadora da aprendizagem. Além da contribuição para a discussão em torno desse revolucionário método, a investigação também trará subsídios para que professores e estudantes de licenciatura possam conhecer as vantagens de se introduzir a música para formação do A música é uma das linguagens que nos ampara quando se trata de expressão; sejam de sentimentos, emoções, reações, e está presente de várias maneiras em nosso cotidiano. Desde cedo começamos a ter contato com a música, na maioria das vezes de maneira informal, mas não podemos negar que ela nos influencia de alguma forma, como em nossa construção social, que é adquirida a partir do convívio com pessoas em comum com os mesmos objetivos, e que reflete interesses e necessidades. Como afirma Vygotsky "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento" (2001, p.63).

Vygotsky discute que o desenvolvimento é algo construído a partir de influências sociais que o sujeito vivencia, o cérebro é um órgão plástico no qual tem a capacidade de se readaptar de acordo com os estímulos recebidos, logo, processos acontecem e se desenvolvem com melhor qualidade se houver a utilização de mediadores específicos. Quanto o desenvolvimento pessoal, a música almeja melhorar o desenvolvimento global do sujeito², buscando qualidade de vida e auxiliando na ampliação do conhecimento humano.

Esse trabalho tem por objetivo geral apontar e discutir algumas das contribuições que a música apresenta no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando o desenvolvimento psicomotor, criativo, expressivo e social nos alunos (as). Explicar como o uso da música pode contribuir/favorecer o desenvolvimento social e cognitivo do sujeito. Algo que não pode ser ocultado é que a música está presente em vários lugares e com diferentes enfoques em nossa sociedade, como profissão, entretenimento, terapias, expressão artística entre outros.

A música encontra-se presente também na educação, entretanto muitas vezes não como objeto de ensino, mas como ferramenta pedagógica facilitadora da aprendizagem, que busca ampliação do conhecimento em diversas áreas. O uso dessa ferramenta pode proporcionar análises reflexivas do que está sendo apresentado, permitindo que os/as alunos/alunas vejam a música como bem cultural histórico e diferentes pontos de vista, que podem contribuir para o desenvolvimento de um ser crítico.

A LDB de 96 não reintroduziu a música como disciplina. A música estava inserida num conjunto de como linguagem artística como disciplina que contemplava: Artes visuais, música, dança e teatro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº. 93944/96, que ao menos em teoria deu um *status* as artes na formação do cidadão. Considerando que com o passar dos anos ao se perder a tradição musical nas Escolas, a música não pertencia mais ao campo da educação. E, nesse esforço de redimensioná-la no campo do ensino que é urgente pensar em práticas para reintroduzi-la no currículo, na escola, enfim, na educação de maneira mais ampla.

O Brasil possui grande riqueza cultural e artística que precisa ser considerada de fato, no seu projeto educacional. Em 18 de agosto de 2008 o presidente Lula sancionou a Lei Nº 11.769, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de

² O desenvolvimento global é um conjunto de habilidades responsável pela autonomia de um indivíduo.

educação básica. Sua aprovação foi uma grande conquista para a área de educação musical no País, porém infelizmente 8 anos depois é substituída pela lei nº 13.278/16 que altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte e exclui a música como conteúdo obrigatório e a mesma passa a ser componente do conteúdo de Artes. Portanto, estabelece ainda sua importância na educação.

A maneira de como essa linguagem é utilizada (quando é) é que pode contribuir para o desenvolvimento social/intelectual do sujeito, logo se faz necessário buscar informações de como se emprega a música em sala de aula, e qual é o intuito do (a) profissional que busca utilizá-la como mediadora de processos pedagógicos.

O objetivo principal da pesquisa se construiu por meio de entrevistas e observações, fazer a investigação sobre quais as principais contribuições da música, quando utilizada para a aprendizagem, e como ela pode ser utilizada. E são objetivos específicos dessa pesquisa: Compreender a percepção de profissionais da área de educação sobre a música como instrumento mediador da aprendizagem; investigar se as professoras usam a música como instrumento facilitador pedagógico; de qual maneira a música é utilizada em sala de aula e compreender sua importância para o ensino-aprendizagem de forma geral.

A relevância do tema trajetória da música envolvendo o círculo social estimulou meu interesse e explica a importância de utilizá-la como componente curricular, em todas as suas características.

Acredito que a música de alguma maneira, mesmo em ambientes distintos nos toca; e na maioria das vezes de forma prazerosa, seja em suas letras ou suas melodias. Imagine agora conciliar o prazer da música utilizando-a como ferramenta de aprendizagem?

Entretanto, por mais que seja uma prática recorrente e que ganha cada vez mais espaço nos ambientes escolares, grande parte das escolas brasileiras ainda não utilizam essa linguagem para nortear o ensino, logo esses alunos têm apenas o contato de maneira informal sem utilizar seus maiores benefícios.

Entretanto irei abordar no presente trabalho como a linguagem musical se relaciona com a educação.

Realizei o levantamento bibliográfico via Internet nos sites de pesquisa: Google acadêmico, Scielo e no site da Abem (Associação Brasileira de Educação Musical) nas áreas de pesquisa sobre a linguagem musical e desenvolvimento e aprendizagem.

Examinei artigos que tratassem da variável estabelecida entre a música, o desenvolvimento do ser na perspectiva de Vygostky, Fonterrada e estudiosos da neurociência como Muszkat e Jourdain. Essa linha de estudos se fez necessária para melhor desenvolvimento e compreensão ao tema. Deste modo, esta monografia se organizará em dois capítulos, sendo que no primeiro buscarei compreender/explicar o contexto histórico da música relacionada a sua inserção na sociedade de forma ampliada e depois, de qual maneira ela foi aos poucos sendo introduzida na educação. No segundo capítulo, irei apresentar pontos sobre a aprendizagem e mediação pedagógica e a música como linguagem de aprendizagem.

Para a investigação foi utilizada uma metodologia qualitativa, feita por meio de entrevistas e observações, que não tem a intenção de explicar numericamente a análise dos dados coletados. Segundo AUGUSTO, et al. (2013) a pesquisa qualitativa, imagina a realidade como um processo de construção constante, onde o sujeito realizaria um papel participante. Logo, a realidade não seria combinada somente por dados objetivos, mas irá abranger a subjetividade de cada sujeito. Essa metodologia busca entender de perto como os acontecimentos são vivenciados pelas diferentes pessoas, a partir de suas referências e experiências de vida.

Foram realizadas duas entrevistas, a primeira com uma professora de música do Ensino Fundamental I de escola pública, que atua na profissão a oito anos. Seu contato com a música aconteceu de forma natural, pois teve influência de seu pai, que também é músico e influenciou diretamente no seu caminho como profissional. Em sua vida a música não está presente somente em sala de aula, a professora expande seu conhecimento artístico para os palcos, através de apresentações musicais e intervenções artísticas culturais. A segunda entrevista foi realizada com uma professora de música em formação, que lecionou durante dois anos como professoras de inglês da Educação Infantil da rede privada. Já esta professora teve uma formação musical na área de canto e soube utiliza-la na educação infantil uma vez que acreditava que as artes poderiam contribuir no desenvolvimento de outras atividades escolares. Utilizarei a entrevista com essas profissionais na intenção de verificar se elas consideram importante a

introdução da música na construção do trabalho e por fim, uma análise das entrevistas realizadas com duas professoras que utilizam a música no contexto escolar.

Hoje, a partir do contato estabelecido na educação a autora deste trabalho atua em uma sala de aula na qual presencia o trabalho da professora regente utilizando a música para a aprendizagem, porém, boa parte dessas atividades são no sentido de músicas de comando³ para afazeres, no entanto é notável o prazer e entusiasmo quando ela é utilizada.

³ Músicas utilizadas para disciplinar determinados comportamentos

CAPÍTULO 1

CONTEXTO HISTÓRICO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO

Para abordar a formação do problema, houve a necessidade do enfoque a alguns aspectos históricos e socioculturais, a partir das pesquisas foi possível notar que existem grandes destaques de diferentes autores, e em diferentes épocas sobre a abordagem sociocultural que representa uma grande fonte conceitual e proveitosa para que se entenda e estabeleça uma relação entre o estudo histórico, a psicologia sociocultural e a importância da introdução da música nos currículos escolares.

Pensando na associação do aprendizado escolar com a música, se fez necessária uma retrospectiva da história da música. Temos assim como muitos acontecimentos, a influência da Grécia antiga, onde grandes filósofos relatavam que a música era um importante componente para a formação social. De acordo com:

Platão e Aristóteles concordam, pois ambos acreditam que a música molda o caráter do homem, o que, essencialmente está evidente na doutrina do *éthos*. [...] A doutrina deriva-se do pensamento de Pitágoras, que concebe a música como um sistema de sons e ritmos regidos pelas mesmas leis matemáticas que operam na criação (FONTERRADA 2005, p. 28).

No período da Idade Média a música passa a fazer parte do *quadrivium*, conjunto de quatro matérias conceituadas em Artes Liberais, que denotavam a formação multidisciplinar, sendo elas; aritmética, a astronomia e a geometria, um conjunto que expõe as intromissões de escolas gregas de pensamento.

Por influência dos neoplatônicos e neopitagóricos, a aceitação da música como parte de uma estrutura cognitiva de base numérica e não-verbal fez com que sua função ampliasse, indo além de sua missão de servir à moral e aos bons propósitos. [...] Acreditava-se que, sem música, nenhuma disciplina poderia ser perfeita (FONTERRADA 2005, p.32).

A autora traz a música como uma linguagem não verbal, e isso facilita sua utilização em espaços escolares, além do seu teor comunicativo; que vai além da formação para o bom costume. A oralidade também é um elemento importante para encaminhar a música para o contexto escolar como linguagem de ensino, pois, pode auxiliar inclusive na educação infantil/ alfabetização, quando os sujeitos ainda não estão alfabetizados.

Fonterrada (2005, p.11) pontua ainda:

Como em outros campos, a filosofia também é necessária para aprofundar a questão do ensino de música, pois é por meio dela que se tem clareza acerca de seu valor, o que permitirá chegar a uma maior competência e efetividade no exercício da profissão, além de encontrar razões que justifiquem sua presença na escola, quer como disciplina, quer como atividade extraclasse.

Assim, como Fonterrada foi possível entender que no século IV Santo Agostinho redigiu um acordo em que mostrava seu interesse na relação entre a música (classificada como ciência) e poesia. Ele acreditava que a música obedecia a ordens matemáticas, e que apresentava semelhança com todas as outras formas de existência, mas que não servia para propósitos educacionais e morais como acreditavam os filósofos gregos. Para ele, as artes liberais deveriam ser vistas de outra forma, em que as diversas disciplinas não seriam dadas como o único direcionamento para Deus, e sim utilizado para impedir tentações de um mundo pensante. Os estudos em artes deveriam mostrar o caminho da salvação para aqueles que tomam o errado. Alguns pensadores e figuras religiosas como, Agostinho, Isidoro de Servilha, Boécio entre outros, desenvolveram teorias de cunho cristãs, que de ainda tinham influências do pensamento musical clássico.

Boécio conta os impactos da música no ser e define vários tipos de música: *música mundana*, *música humana*, *musica constituta in instrumentis*. A primeira se dá ao movimento dos planetas, à organização dos elementos e à música das esferas; na segunda que incorpora ao corpo e ao espírito para sempre, algo que se assemelha de acordo com formação das consonâncias de sons agudos e graves de acordo com a ordem numérica. Na última, com base em suas teorias é a única maneira de perceber a música sensorialmente. Boécio não se interessava por efeitos emocionais e pelas percepções dos sons causados no ser e sim nas proporções numéricas como apoio de compreensão musical. A organização da melodia e ritmo mostra a aproximação do diálogo com as artes liberais e a literatura.

1.1 A música e educação na época medieval

A música como prática musical e dominada pela concepção grega como contribuinte de educação e da moral, que se preservava na Europa medieval e a música como ciência, entra em conflito com uma nova posição e a direciona a devoção cristã,

algo que liga os homens a Deus. Dentro desse entendimento a Igreja passa a ser grande propulsora do conhecimento e controle do aprendizado musical; ainda assim sem a pontuar como “educação musical” embora o termo venha da prática de música com as crianças.

Instituições ligadas à religião mantiveram a custódia de várias crianças que consideravam ter uma boa voz para preencher as necessidades de seus coros, e suas aulas ministradas variavam de Igreja para Igreja. É interessante destacar o objetivo escolar, que buscava uma boa produção musical para atender suas necessidades litúrgicas, no entanto sem pensar no desenvolvimento musical da criança; que servia apenas como instrumento. Aqueles que cantavam nos corais davam suporte ao sustento familiar, uma vez que a família ganhava algo em troca pela concessão de seus filhos à Igreja. Naquela época as crianças não eram vistas com o mesmo olhar que temos hoje, não se tinha um entendimento de infância o que tornava mais fácil esse tratamento nessas instituições.

A educação musical no período renascentista deu sequência a práticas que formavam músicos para Igreja. Eles eram condicionados a repertórios que se adequavam a época, essas escolas eram tidas como conservatórios, quando na verdade eram orfanatos. Em 1537 foram criados os primeiros “orfanatos musicais para meninos” e, nesse período, o olhar que se tinha sobre a infância foi se modificando. A educação passou a ser elaborada nos colégios e seminários e a criança vista com mais responsabilidade da família e Estado. A partir daí, conforme Fonterrada (2005, p.48) se teve “a necessidade de buscar critérios uniformes que não descaracterizassem a música cristã enquanto esta se expandia criou a necessidade da transmissão formal de conhecimento”.

No século XVIII a natureza passou a ser a marca de espontaneidade e expressividade e a imitação apontava coerência e verdade, o que estabeleceu a ligação entre arte e realidade. A doutrina se dá então como imitação da natureza que defende os pontos de vista. Nasceram nessa época duas teorias que reafirmaram a estética barroca que concedeu o estatuto superior à música conectada com a literatura e sentimentos são elas: a Teoria dos Afetos e a Doutrina das Figuras.

A Teoria dos afetos explica os acontecimentos musicais e sua relação com os sentimentos, teoria desenvolvida por Werckmeister apresentava riqueza e modos que deveriam ser expressos na música como (APEL, 1995, p.16):

A tristeza deve ser expressa por melodias de movimento lento e lânguido, e quebrada por saltos.
O ódio é representado por uma harmonia repulsiva e rude, e por melodia semelhante.

Apesar de concedida no período barroco, a doutrina da antiga Grécia se manteve presente. O canto gregoriano, por exemplo, utilizava de ambientes emotivos e com diferentes estados de espírito. Na Doutrina das Figuras a música é similar a retórica, à “arte do bem falar” apesar de sua junção a oratória, sua prática era colocada em toda composição literária. Nas duas teorias há um enorme significado quando se junta palavra e música, tornando-a como expressão de sentimentos.

Ainda é muito difícil falar sobre a educação musical após anos de predomínio da Igreja; com o aparecimento da burguesia a escola que antes era restrita a Igreja, passou a ser administrada por quem pudesse pagar por ela. Outro fato a ser pontuado foi a Revolução Francesa, a partir deste acontecimento histórico a música se alargou, saiu das instituições religiosas e contemplou o povo.

A presença abundante de literatura pedagógica indica que a infância e a adolescência já eram, a esse tempo, reconhecidas pelas autoridades e pelas famílias e que, a partir daí, as crianças passariam a ser objeto de estudo e preocupação. Não é por acaso que o período coincide com o surgimento de métodos educacionais, em alguns dos quais se observam as primeiras tentativas de incorporar o ensino da música na educação (FONTERRADA, 2005 p. 59).

Pensando em alguns nomes como precursores da educação musical, podemos também citar Jean Jaques Rousseau, uma grande inspiração da psicologia moderna; onde ressaltava as diferenças individuais e buscava adequar o ensino aos interesses dos sujeitos. “[...] para ele, a sociedade é construída pelos indivíduos que a formam. Em vez de adaptação do indivíduo à sociedade, é necessário formar-se indivíduos perfeitos, para que se constitua a sociedade perfeita” (FONTERRADA 2005, p.60).

Rousseau foi o primeiro a pensar em educação apresentando um esquema pedagógico direcionado a educação musical.

Outro nome importante foi o de Pestalozzi, um educador suíço que pensou a educação de uma forma mais afetiva. A partir de suas hipóteses, a educação é algo natural em todas as capacidades da criança. Em seu tempo de escola os costumes eram bárbaros, logo surgiu aversão aos mesmos. Pestalozzi pensou uma educação moderna em que traria a criança ao centro da abordagem, destacou a utilização de músicas no

processo educativo e pontuou suas contribuições para formação do caráter. Em seu entendimento tudo que se é trabalhado na aprendizagem e desenvolvimento, está ligado aos sentimentos e se assim destaca a importância das artes.

1.2 A música no Brasil e sua incorporação na educação

Antes da chegada dos portugueses, dos escravos africanos e da doutrinação feita pelo jesuíta José de Anchieta, não se sabe ao certo sobre os costumes musicais dos povos que já habitavam nas terras brasileiras. No período em que esse encontro de culturas aconteceu, no território nacional a música foi aplicada pelo Padre Anchieta a fim de doutrinar os indígenas com os dogmas católicos europeus.

Entre os séculos XVII e XIX, novos imigrantes chegaram ao Brasil, e pessoas das mais variadas nacionalidades e culturas trouxeram novos ritmos populares ao povo brasileiro. Poderia ter sido uma grande mistura de conhecimentos musicais de diversos povos, se não fosse silenciamento dos povos não europeus. Porém, neste período utilizar a música na educação não era uma preocupação formal, e se aprendia música apenas no contato social. Assim, foram criadas diversas manifestações musicais no país, muitas vezes clandestinamente, e que se moldaram ao longo do tempo e ressaltavam a identidade de acordo com a região e a cultura das pessoas de onde se manifestavam. A música apareceu no cenário da educação depois de um longo tempo a partir dessas manifestações. A cultura brasileira é diversa, o que não exclui a notória desigualdade social, uma característica marcante de nosso país, que é comprovada pela evidente hegemonia de uma classe social nos processos de divisão social do trabalho e de divisão socioeconômica, além de vários outros fatores.

Apesar de vasta e ampla, a cultura brasileira acaba por se tornar símbolo de condição para as elites, que selecionam arbitrariamente aquilo que deve ou não ser consumido, negando aquilo que não foi selecionado para o status da produção cultural. A nossa rica cultura popular faz contraste ao nosso povo, desprovido, muitas vezes, de insumos básicos para a sobrevivência.

Algo comum é ouvir que o Brasil é um país miscigenado, é fato, que a formação étnica do povo brasileiro ocorreu, primeiramente, com a miscigenação entre povos africanos, portugueses e indígenas. Ao longo do tempo decorrido, desde o início da república, o Brasil recebeu de diversos países somente atesta que, tomando

o significado de cultura por uma concepção geral que envolve os hábitos, costumes, a culinária, as crenças e o modo de vida geral de um povo, o Brasil é realmente vasto. entretanto, essa concepção diversa da cultura brasileira pode suceder em um olhar equivocado quanto à não existência de mazelas sociais, como a desigualdade social, o elitismo cultural e o racismo. Logo podemos notar que por exemplo a música africana por exemplo, foi, e ainda é tocada em poucos espaços.

Em novembro de 1890 a música dá outro passo para inserção na educação, com o decreto federal nº 981/90 que exigiu a formação especializada do professor de música. Anísio Teixeira, seguidor de John Dewey; que conduziu suas ideias onde a arte deveria estar mais presente nas comunidades e não somente disponível para os privilegiados. Conforme Fonterrada (2005, p.210) “Na escola, o ensino da música não deveria restringir-se a alguns talentos, mas ser acessível a todos, contribuindo para a formação integral do ser humano”.

Em 1920 Mario de Andrade defendeu a função social da música, ressaltando também o valor do folclore e da música popular, para reafirmar a identidade brasileira. A partir daí o canto coral passou a ser valorizado nas instituições.

Até o ano de 1930, o ensino de Música estava previsto na legislação educacional, mas, com grande dificuldade de alargamento para todo o País. Uma parceria foi estabelecida entre o presidente Getúlio Vargas e o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos, onde o ensino de Canto Orfeônico passou a ser inserido não apenas na legislação, mas, também na realidade das escolas brasileiras. O Canto Orfeônico, apesar de ser semelhante ao Canto Coral, ajustava-se a sociedade, pois não era necessário que seus integrantes possuíssem conhecimento aprofundado de técnicas e teorias musicais, como era o caso do coral tradicional. Villa-Lobos batalhou pela obrigatoriedade do Canto Orfeônico na educação básica brasileira, além da promoção de diversas concentrações orfeônicas, apresentações que traziam grande número de estudantes de diferentes níveis. Em 1942, Villa-Lobos inaugurou o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico com a finalidade de formar professores e de oferecer um programa modelo para os cursos de formação de professores de Canto Orfeônico no país.

Contudo, ao fim do governo Vargas, por meio do Decreto-lei nº 9.494/46, o Canto Orfeônico sofreu um processo de reformulação. O Decreto-lei previa a uniformização da formação de professores de Música no Brasil por meio da equiparação

de “filiais” estaduais ao Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, o que ocorreu gradativamente nos anos seguintes. Algum tempo depois, o ensino de Canto Orfeônico no Brasil foi diminuído com a morte de Villa-Lobos no ano de 1959 e extinto oficialmente da educação básica com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 4.024/1961), que substituiu o Canto Orfeônico pelo ensino optativo de Música.

Na década de 1960 o canto coral foi substituído pela educação musical, onde os objetivos eram desvincular a aula de música do ensino do instrumento e incentivar a prática, o uso do corpo, e dar ênfase para se desenvolver a percepção auditiva.

Um novo acontecimento que afetou negativamente o ensino de música nas escolas foi a promulgação da lei n.º 5692/71, que retira a disciplina de educação musical e a substitui por educação artística, logo o governo distancia mais ainda a música da educação.

No século XX, quando a educação infantil começou a ser institucionalizada, conforme as pesquisas sobre educação foram se aprofundando, as diretrizes da educação também se modificaram. Em 1996, surgiu a lei n.º 9.394 (LDB), onde o ensino das artes entra como elemento curricular do ensino básico da educação infantil, e proporciona novamente a utilização da música para mediação em sala de aula.

Em 18 de agosto de 2008 o presidente Lula sancionou a Lei Nº 11.769, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica. Sua aprovação foi uma grande conquista para a área de educação musical no País, porém infelizmente 8 anos depois é substituída pela lei nº 13.278/16 que Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte que exclui a música como conteúdo obrigatório e a mesma passa a ser componente curricular de Artes e ao mesmo tempo coloca a música como conteúdo obrigatório da educação básica, coexistindo em dois campos distintos, porém um não era disciplina e em outro apenas uma das linguagens que constituíam Artes.

Ainda no governo, Lula sancionou a lei nº 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras. Após cinco anos a lei n. 11.645/08 passa a vigorar com a redação que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Ao analisar as referidas leis podemos notar que uma tentativa de recuperar e transmitir todo o contexto

real de acontecimentos desde a invasão do Brasil que foi negado a essas culturas e as outras existente no nosso país.

Capítulo 2

APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A metodologia do ensino e aprendizagem se constrói na interação de alunos/alunas e professores/professoras, além de práticas cotidianas que nos envolvem desde o nascimento. Ensinar e aprender são ações que se constituem por diversos comportamentos, e componentes que se integram. Neste vínculo de ensino-aprendizagem, aluno (a) e educador (a) invertem o tempo todo seus papéis, ao aprender se ensina e ao ensinar se aprende.

Para Freire, no processo pedagógico essas atuações devem ser aproveitadas de maneira consciente, todos que fazem parte do ambiente escolar são seres humanos com vivências únicas, em um único território. Assim, é indispensável reconhecer o outro em toda sua complexidade, em diversas esferas biológicas, sociais, culturais, afetivas, linguísticas, entre outras. “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa sozinho: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, pelos objetos cognoscíveis” (FREIRE 1978, p. 78-79).

Na teoria de aprendizagem de Vygotsky psicólogo bielorrusso que morreu há quase um século, sobrepõe uma ênfase importante no papel de todas relações sociais no desenvolvimento intelectual. Para ele, o sujeito é um ser que evolui quando está em contato com a sociedade. Entende-se que a formação se dá na relação entre o sujeito e a sociedade como um todo. Assim, o sujeito modifica o ambiente e este o modifica de volta. Portanto, toda interação que se estabelece com um ambiente é muito importante. Por isso, a teoria de aprendizagem de Vygotsky é nomeada de socioconstrutivismo e tem como foco o desenvolvimento humano e a aprendizagem.

Vygotsky se baseia em uma construção marxista, que entende que o sujeito que está em constante mutação e vai desenvolver suas atividades a partir de suas interações. Essas interações não acontecem diretamente, elas necessitam ser mediadas por instrumentos e linguagens, e se utilizadas maneiras corretas podem contribuir para grandes avanços na aprendizagem e desenvolvimento. Em sua teoria socioconstrutivista, Vygotsky ressalta o desenvolvimento a partir do ambiente social; conforme avança proporciona a internalização do aprendido e desenvolvimento.

Nas palavras de Rego (2002, p. 98), ao descrever a Teoria Vygotskyana:

Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

Em suas teorias, o autor apresenta um pensamento de que a aprendizagem e o desenvolvimento estão relacionados e propiciam a maturação e evolução dos seres humanos. O autor sobrepõe a esse progresso a importância da utilização de instrumentos de mediação, logo, o ambiente, a interação e a utilização de instrumentos propiciam novas funções e novas ações. Partindo desse ponto, seu estudo tem grande importância sobre possíveis rupturas do processo de construção das ideias pedagógicas, pois o alicerce de seus estudos é a psicologia evolutiva e o ponto de vista usado para criá-los é a da função social do professor.

Cada atividade depende do material com o qual opera, o desenvolvimento da consciência é o desenvolvimento de um conjunto de determinadas capacidades independentes ou de um conjunto de hábitos específicos. A melhora de uma função da consciência ou de um aspecto da sua atividade só pode afetar o desenvolvimento de outra na medida em que haja elementos comuns a ambas funções ou atividades, (VYGOTSKY, 1991, p.55).

Ao sujeito, deve ser ofertada as mais diversas oportunidades, para que compreenda e participe de atividades, experimente as possibilidades que a educação lhes proporciona, buscando cada vez mais formar o sujeito crítico que interfere nos métodos engessados utilizados atualmente nas instituições escolares. Quando o mediador utiliza esse conhecimento no processo ensino e aprendizagem, é possível acompanhar, conforme acontece no desenvolvimento, a evolução da manifestação de pensamento e da expressão do sujeito.

2.1 Papel do mediador na aprendizagem

Vygotsky defende que a aprendizagem é o efeito da atividade de cada ser e da reflexão que consegue fazer com base naquilo. Então, cada sujeito é um intermediário ativo nesse processo. O Papel do mediador é guiar o (a) aluno (a) e fornecer ferramentas

necessárias e apropriadas para que o desenvolvimento cognitivo aconteça de maneira apropriada, conduzindo o sujeito para a aprendizagem. Afinal de contas, nos primeiros contatos da criança, se faz necessário a participação de algum adulto, assim, depois de um tempo; ela internaliza e o procedimento se torna algo voluntário. Na educação, a pessoa que media deve compreender as estruturas mentais e seus mecanismos. No contexto educacional, os conceitos da teoria de aprendizagem de Vygotsky percebem a escola como o local onde a intervenção pedagógica é uma finalidade e é isso o que promove o processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Zona de desenvolvimento proximal

O aprendizado de forma geral deve colaborar para o desenvolvimento. Existe uma diferença entre o aprendizado e conhecimento adquirido de forma espontânea no cotidiano e de maneira mais formal e sistematizada que acontece nas instituições de ensino. No entanto, se faz necessário pensar em dois tipos de nível de desenvolvimento, o desenvolvimento real e o proximal. No primeiro nível o foco se dá nas funções mentais que se interligam e apresenta ciclos de desenvolvimentos já completados. Na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD), o pensamento está direcionado à aquilo que nesse momento o sujeito só consegue fazer com a mediação de outra pessoa, e que um pouco mais adiante ela certamente conseguirá fazer sozinha. Vygotsky (1991) em sua teoria pontua que:

Desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação.

Logo, seria interessante aplicar práticas que buscam o desenvolvimento expressivo. Segundo Vygotsky (1991), o aprendizado não se sujeita totalmente só ao desenvolvimento das estruturas intelectuais: um alimenta do outro. Contudo, o ensino deve se antecipar àquilo que a criança ainda não sabe e não é capaz ainda de aprender sozinha. Para o autor, na relação do aprendizado e desenvolvimento, é necessário pensar no que vem antes. Na mediação o (a) profissional deve ser capaz de identificar essas duas capacidades e, a partir daí, estabelecer qual deve ser o caminho de cada sujeito entre elas. Para tanto, a relação entre mediador e mediado deve ser de cooperação, respeito e crescimento, não de exigência. O sujeito deve ser considerado

ativo no processo da construção de conhecimento. O educador(a) é a base para que a aprendizagem seja satisfatória, então o(a) mediador(a) deve, influenciar na ZDP do(a) aluno(a) com metodologia. Para Vygotsky essa metodologia só será eficaz se existir o diálogo ente professor e aluno, o que é essencial para que o sujeito se sinta estimulado.

É função do ambiente escolar buscar práticas e conteúdos que inovem e mudem a concepção negativa que gira em torno da educação. Outros métodos e conhecimentos são necessários para contribuir significativamente no desenvolvimento desses sujeitos, e que aumenta também a possibilidade do alargamento das funções psicológicas dos sujeitos. Acredito ser importante, analisar o currículo e toda sua proposta a fim de aperfeiçoar as ideias e assim se ter coerência entre o percurso e o resultado final. Percebo que quando utilizamos teorias e práticas que já estão sendo usadas para o ensino, não conseguimos despertar o interesse e a interação dos sujeitos, e a Zona de Desenvolvimento Proximal não é estimulada e assim todo o trabalho que está sendo feito se torna desnecessário. Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento da linguagem acarreta o desenvolvimento do pensamento, uma vez que é pelas palavras que o pensamento ganha forma. Para o autor, a linguagem tem funções básicas: interação social e pensamento generalizante, que consegue assimilar significado ao significante.

2.3 Música na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A partir das discussões realizadas no decorrer do trabalho, é preciso apontar o documento que está em vigor para a atuação dos profissionais na área da educação.

A BNCC está prevista na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB, Lei nº 9.394/1996) e no Plano Nacional de Educação de 2014 (PNE, Lei nº 13005/2014). A base estabelece uma referência nacional para reestruturação dos currículos e das propostas pedagógicas das instituições escolares em ação conjunta com os Estados, Distrito Federal e Municípios. Em todo o processo da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), a BNCC determina que deve ser garantido ao estudante o desenvolvimento de dez competências gerais. Dentre elas: “3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2017).

À medida que se compreende, a BNCC está pautada filosoficamente, pedagogicamente e epistemologicamente no conceito de competências. As mesmas são definidas como mobilização de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores para exercer a cidadania, de modo a possibilitar o ingresso no mundo do trabalho. Além das 10 competências gerais, há competências específicas de cada área de conhecimento.

Na BNCC a linguagem ou unidade temática Música se faz presente no Componente Arte que, compõe à área de conhecimento Linguagens. O componente Arte está organizado em cinco unidades temáticas: Artes Integradas, Artes Visuais, Teatro, Música e Dança. Cada unidade temática é composta por objetos de conhecimento, que estão relacionados a habilidades.

É necessário pontuar que no Ensino Fundamental, as linguagens do componente curricular Arte, dentre elas a Música, sistematizam saberes referentes a produtos artísticos e abrangem diversas práticas como: criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se constituem como expressão no processo de aprendizagem em Arte (BNCC, 2017, p. 191-195).

Já nos anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental a unidade temática Música é referente aos objetos de conhecimentos: Contextos e práticas, Elementos da Linguagem, Materialidades, Notação e Registro Musical e Processos de criação.

2.4 A música como linguagem da aprendizagem e desenvolvimento

Em todas as suas combinações, a música exerce o papel de ferramenta de comunicação e identidade dos diversos povos, transmite a cultura de diversas gerações e seus conhecimentos acumulados. Pensando em sua importância no processo educativo, existe a probabilidade de que ela consiga trabalhar a personalidade do sujeito e promover o desenvolvimento de hábitos (como quando utilizada na educação infantil) e atitudes que manifestam sentimentos e emoções.

Com base nos pensamentos de CHIARELLI et all. (2005) o espaço escolar é um lugar de aprendizagem e desenvolvimento, logo um lugar de novos acessos. É fundamental uma pedagogia com práticas e conteúdos inovadores e visões positivas com relação à educação. Outros saberes se fazem necessários dentro do processo de ensino-aprendizagem, áreas de conhecimento podem ser inseridas nos currículos, aumentando a possibilidade do desenvolvimento das funções sociais e psicológicas dos

sujeitos. Conseqüentemente, é importante investigar e melhorar as propostas curriculares composta de objetos e dispositivos que tenham coerência entre meios e fins para o desenvolvimento do ser.

A relação de ensino-aprendizagem quando promove o diálogo com a música, refina não somente o conhecimento musical, mas o desenvolvimento de leitura e escrita e através do lúdico, o aprendizado se faz de maneira mais divertida e atrativa.

De acordo com Synders (1994), a experiência que mais une os jovens é a música e que ela toca o que há de mais profundo na sua existência, toca o corpo, a alma o coração. Ainda pontua que:

A influência que a música exerce sobre nós remete-nos evidentemente a seu poder sobre o corpo; ela coloca o corpo em movimento, faz com que ele vibre de forma não comparável às outras artes; e é o fato de estarem escritas em nosso corpo que dá tanta acuidade às emoções musicais; por seu enraizamento psicológico, a própria música atinge uma espécie de existência corporal (SNYDERS, 1994, p.85).

Para o autor, a música colabora para o desenvolvimento uma vez que têm grande influência sobre o corpo e suas sensações. Ela faz o corpo agir de uma forma a qual se diferencia das outras artes.

Alguns estudos da neurociência apontam que a música pode ajudar determinadas áreas do cérebro que acionam a plasticidade cerebral em benefício da cognição, comunicação e da emoção. Jourdain (1998) diz que música suscita uma sinergia entre a mente e o corpo, onde memória, criatividade, emoção, atletismo e intelecto conjugam-se harmoniosamente. Essa incorporação não poderia ser realizada pelo cérebro através de comandos simplistas como: “mão esquerda pra cima!”, ou “dedo indicador esquerdo pra traz!”, pois o corpo não é um aparelho que responde automaticamente a partir de um estímulo.

Segundo Jourdain (1998), há um complexo padrão hierárquico de atividade cerebral expresso nas manifestações da performance musical que reúne resumidamente movimento, compreensão musical, padrões visuais e, em planos cognitivos mais elevados e planejamento de ação de longo prazo.

O treino musical também aumenta o tamanho, a conectividade (maior número de sinapses-contatos entre os neurônios) de várias áreas cerebrais como o corpo caloso (que une um lado a outro do cérebro), o cerebelo e o córtex motor (envolvido com a execução de instrumentos). Ativação maior de áreas do hemisfério cerebral

esquerdo pode potencializar não só as funções musicais, mas também as funções lingüísticas, que são sediadas neste mesmo lado do cérebro. Vários circuitos neuronais são ativados pela música, uma vez que o aprendizado musical requer habilidades multimodais que envolvem a percepção de estímulos simultâneos e a integração de varias funções cognitivas como a atenção, a memória e das áreas de associação sensorial e corporal, envolvidas tanto na linguagem corporal quanto simbólica (MUSZKAT, 2000 p.68).

O autor pontua contribuições da música no ser, pois ela age em diversas áreas do cérebro e maior ativação (hemisfério cerebral esquerdo) onde é processado não só as a funções musicais, mas também as funções lingüísticas.

Estimula-se também o desenvolvimento sensitivo e criativo do sujeito que contribui na sua mediação com toda a sociedade, o que amplia ainda mais o conhecimento do ser. A educação se encontra em constante transformação, e os métodos tradicionais como a educação bancária já não se efetiva de fato em relação a aprendizagem, é preciso então utilizar outras áreas de conhecimentos para que o estímulo para o desenvolvimento do ser seja completo e de forma mais prazerosa.

O sujeito aprende com maior qualidade quando é ofertado o ensino a partir de novas capacidades apresentadas, os autores apontam ainda:

Cada capacidade pode ser desenvolvida independentemente, mediante um exercício adequado. A tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias (VYGOTSKY *et al.*, 1994, p.108).

A mediação do(a) professor(a) é de extrema importância, e desperta possibilidades de aprendizagem, a musicalização traz ainda oportunidade do contato entre o sujeito e os instrumentos. Fazendo uma correspondência a esses aspectos podemos afirmar que a ampliação do desenvolvimento, está relacionada à junção de distintas capacidades, “o aperfeiçoamento de uma função específica do intelecto influi sobre o desenvolvimento das outras funções e atividades só quando estas têm elementos comuns” (VYGOTSKY *et al.*, 1994, p. 108). Assim, irá depender concomitante de ferramentas diversas.

Podemos notar, que a música utilizada hoje em sala de aula, quando não incorporada ao conteúdo de Artes, está ligada a estímulos para ensinamento de hábitos, sejam eles de higiene, regras, entre outras. Analisando esse contexto, a música não se

insere no cotidiano escolar de uma forma que potencializa a aprendizagem e aborda diferentes habilidades afim de potencializar o aprendizado e a expressão do ser.

Com as contribuições de Vygotsky existe uma reflexão sobre tornar o espaço de aprendizagem e desenvolvimento, algo contextualizado e mais próximo da realidade dos alunos. A associação da música com a aprendizagem tem o intuito de valorizar o potencial de cada aluno (a) e seu desenvolvimento psíquico. Todo conhecimento vem da construção de interações do sujeito, pensando nas funções cognitivas que são plásticas, é possível mediar e transformar por meio da inserção de ferramentas específicas. A linguagem musical como uma ferramenta mediadora, é pensada com o propósito de estabelecer uma aprendizagem mais significativa e de melhor qualidade.

2.5 Contribuições Cognitivas, Psicomotoras e Sociais

A partir das pesquisas de CHIARELLI et all. (2005) é possível pontuar que quando atividades musicais são utilizadas, o sujeito começa a ter maior noção corporal, começa a se conhecer melhor e conhecer o outro uma vez que também promove a socialização.

Na ideia psicomotora o sujeito irá aprimorar suas capacidades motoras, aprenderá a controlar músculos e irá mover-se com agilidade. A produção musical contribui para uma descarga emocional que alivia o corpo de modo geral. Atividades que envolvem ritmos coordenados têm grande importância para o desenvolvimento da coordenação motora e senso rítmico.

Pensando no desenvolvimento cognitivo, quanto maior for os estímulos melhor será o desenvolvimento do intelectual. A prática com a música proporciona grande participação ativa (ouvir, tocar, ver) que desenvolve os sentidos da audição, dançar e gestos trabalham coordenação motora e a atenção, cantar e produzir sons específicos compreende suas capacidades e introduz a relação com o meio.

No sócio afetivo as atividades pensadas para o coletivo beneficiam a socialização, e estabelecem pontes para os trabalhos em grupo e a cooperação liberam emoções e tornam o indivíduo mais seguro sobre suas ações.

ANÁLISE DOS DADOS

A partir das questões levantadas foi possível notar que música é uma linguagem presente em alguns contextos escolares, e a partir disso, é possível fazer uma breve reflexão sobre suas reais contribuições e como utilizá-la em sala de aula, no sentido que nossa hipótese se estruturou ou seja, a música como mediadora da aprendizagem do sujeito.

Ao iniciar a entrevista as primeiras perguntas aparecem de forma mais ampla com o intuito de entender toda a história que as professoras construíram com a música e como elas a compreende.

[...] é pra mim um meio de vida, de subsistência, porque é através dela que consigo pagar as minhas contas, além de ser muito bom pra parte emocional, de conseguir levar a vida, porque na música a gente consegue externar muita coisa, muito sentimento (Professora A).

[...] Ah eu acho que a música é meio que uma expressão do nosso ser, ela é uma linguagem, então a partir dela nós conseguimos dizer coisas que eu acho que é às vezes a nossa língua materna não alcança (Professora B).

Nas duas falas é possível observar que as professoras veem a música com uma expressão que vai além do prazer sonoro, mas como uma linguagem que é capaz de contribuir para que os sujeitos possam expressar seus sentimentos, emoções, etc.

Algo importante de se ressaltar é que a professora A aponta que a música é sua subsistência, ou seja, remetendo ao trabalho, a profissão, e demonstra um modo de ver a música como forma voltada ao trabalho, elemento que não aparece na fala da professora B, logo podemos ver que existem diferentes concepções de como se tratar a música no ambiente de ensino.

O primeiro questionamento se trata da concepção do que é a música para as professoras. Nela podemos notar que cada uma tem um conceito de música, mas ao final se encontram e ressaltam a questão da música para expressão.

Questionadas sobre como se inseriram no contexto musical elas pontuam:
Professora A:

[...] por que meu pai, ele é músico, compositor, e ele toca desde a minha infância, então eu já nasci escutando ele tocar o violão e cantando, então a música sempre teve presente na minha casa.

Professora B:

O meu primeiro contato com a música foi pela minha família, então quando eu tinha uns 7 anos, talvez 6, minha mãe me colocou na aula de teclado porque eu estava tendo problemas de concentração na escola, [...]faz o meu contato com a música hoje? é por meio da graduação.

A partir das respostas, ressalta-se que; as duas professoras tiveram o primeiro contato com a música através da família, no entanto com diferentes finalidades. A professora A cresce no ambiente musical e o fato a influenciou também na escolha de sua carreira. Algo a ser pontuado na resposta da Professora B: é que, foi interesse da família que ela participasse de aulas de música, pois a mesma estava tendo problemas de concentração na escola e ressalta que seus pais tinham compreensão que a linguagem musical poderia ajudá-la de alguma forma. Pontuando ainda que:

Eu acredito que a música é uma ferramenta de aprendizagem, essa ferramenta de aprendizagem pode ser interdisciplinar então ela pode ser, por exemplo, para eu tentar ensinar inglês por meio da música ou pode ser o ensino da música em si, que desenvolve outras habilidades que não são necessariamente a prática da performance né? Então, a partir dele a gente consegue desenvolver um raciocínio lógico, é... a criação, então assim... A música com certeza é uma ferramenta de aprendizagem e comigo ela esteve ligada desde a infância [...] Acho que ela é capaz de marcar a gente desde novo.

Em sua fala é possível compreender que a Professora A, acredita que a música é uma ferramenta de aprendizagem, e que a marcou por estar presente em sua vida desde a infância e a professora B tem uma certeza de que a música pode ajudar com o seu estudo propriamente dito ou interdisciplinarmente, uma vez que passou pelo processo.

O terceiro questionamento aborda de quais maneiras as professoras introduzem a música em sala de aula pensando em uma formação mais ampla do sujeito. Os estratos das entrevistas indicam que para Professora A:

A música já é um diferencial das outras matérias, porque as crianças você vê que elas já... já tem um brilho no olho, uma coisa diferente. É uma coisa que não vai ter cobrança demais, [...]eu procuro sempre tentar ajudar um aluno, quando dá, de acordo com o que eles pedem, né? de acordo com o interesse do aluno. “Ah eu queria cantar”, então vamos cantar, “eu queria experimentar um instrumento”, a eu acho que é mais ou menos assim. É, aguçar a curiosidade, é mais ajudar as crianças na condução mesmo de um caminho de entender melhor a música e poder usufruir das coisas que a música trás de bom.

Já para a Professora B:

Então, eu tinha um cronograma todo semestre eu recebia um cronograma que normalmente era o vocabulário que os alunos precisavam ter durante o semestre e isso variava de acordo com a série, [...] E a partir disso eu criava um cronograma semanal de atividades que eu ia dar com esses vocabulários, só que eu tinha que fazer de uma forma que não ficasse na mesmice, sabe? Então eu usava a música, a música na introdução do vocabulário era o principal, eu tinha que usar. Porque, era o click que dava na cabeça dos meninos para eles desenvolverem outras coisas.

Na primeira resposta podemos notar que a professora procura introduzir os alunos em sua aula, buscando a participação e expressão de todos (as), dessa forma aguçava a curiosidade dos(as) alunos(as), e a atuação flui de forma mais espontânea e livre. Conforme Brito (2001, p.45) “o professor entende que por meio do trabalho de improvisação abre-se espaço para dialogar e debater com os alunos e, assim, introduzir os conteúdos adequados”. Outro ponto é quando, na mesma resposta a professora A diz: “não vai ter cobrança”, o que dá a entender que a aula é mais livre, sem objetivos e estratégias, quando na verdade sua fala se volta a uma comparação com as outras matérias, as quais têm sempre exercícios para entregar, fazer em casa e na maioria das vezes, um teste final para avaliar conhecimentos. Na segunda resposta a professora foi mais objetiva e ressaltou a linguagem musical era utilizada para sair de um ensino engessado, e que ela era como um “click” que contribuía para que outras habilidades fossem desenvolvidas. A Professora B reforça a questão de utilizar a música como meio para se chegar a finalidade traçada por ela mediante ao cronograma do semestre. A música aqui é um diferencial para a aula e não a própria aula. Podemos ressaltar ainda, a importância de desconstruir o ensino tradicional onde somente o(a) professor(a) fala e o aluno recebe conteúdo, em determinadas ocasiões é necessário utilizar outras ferramentas para que aconteça essa conexão de dados e facilite o entendimento do(a) aluno(a).

No quarto questionamento, foi pedido que elas ressaltassem quais eram as reações que os(as) alunos(as) tinham quando a música era utilizada.

Professora A: Varia bastante, tem vez que a gente vê que elas estão muito entusiasmadas, [...] depende muito do contexto, até o clima acho que interfere, né? Quando tá muito calor os meninos já ficam

meio assim, mais agitados, se tem prova eles ficam diferentes. Se vai ter festa na escola... Tudo influencia.

Professora B: As crianças gostam muito. Eu acho que o principal motivo é porque implica em uma coparticipação no processo criativo. Então, elas podem opinar e ao mesmo tempo reproduzir algo que seja também delas, sabe? Que seja criado por elas, pelo fato de a música ter vários elementos que vão muito além da teoria, né? Então a conexão que ela pode ter; a abertura para esse processo criativo são coisas que marcam uma pessoa, então elas ficam muito felizes quando a música é utilizada.

Com base nas respostas as crianças gostam, ficam entusiasmadas principalmente por poderem opinar sobre esse processo criativo. A professora A ressalta algo importante, que a reação de cada uma vai depender do contexto, desde o clima, provas até vida pessoal de cada um. Isso pode acontecer, porque a música neste contexto é a aula de conteúdo específico e não a mediação. Como a professora B utiliza a música como meio e não como fim, aparece fortemente o entusiasmo das crianças por fazerem algo diferente do que costumam ter normalmente em outras aulas. A partir das observações feitas nas aulas da Professora A, resalto que quando a música é utilizada em sala faz com que os (as) alunos (as) se levantem da carteira e façam movimentos, às vezes solicitados pela professora, às vezes não, logo é possível destacar que; como consequência, é promovida a interação entre todos, além de oferecer também o suporte para desenvolver a coordenação motora (fina e grossa) ao trabalhar os movimentos.

Na quinta pergunta, a busca era procurar compreender como a música entrava no planejamento de cada uma. Professora A:

Tem uma coisa que influencia muito que é o planejamento geral dos professores de música daqui [...] Acho que... como eu posso responder? Vai muito dos anos né? No primeiro ano você já tem uma voz mais aguda... no quinto ano uma outra forma... Então eu acho que vai mais pela faixa etária assim, mas geralmente vai mais pelos tópicos mesmo.

Professora B:

Somente como produto final? Não. Na verdade é... a música, para ser aprendida para o menino, para criança, ela jamais vai ser só o produto final, sabe? então não é só aprendizagem de um instrumento. Você tem por de trás ali, de um instrumento, como por exemplo a flauta, todo um reconhecimento de intervalo melódico, de divisão rítmica, de até divisão matemática na hora de escrever compassos, isso tudo é... a música sendo praticada na construção do raciocínio. Eu acho que... O convite é exatamente a democratização do ensino, é convidar o aluno a fazer parte, a ser parte ativa na retenção de conhecimento que é pedida a ele, por isso o conhecimento não pode ser... o conhecimento

da música, do estudante de música, não pode ser apenas um produto final de performer, porque a música é muito além disso [...] Então o planejamento ele seria desde o início até o final. Na verdade o planejamento com a música gera o produto final e não a música é o produto final, mas sim o resultado de todo um planejamento que foi feito pela professora de música.

As professoras têm um planejamento a ser seguido, mas pensam através dele sempre com o intuito de adaptá-lo para adequá-lo a turma. A professora A traz um elemento importante que é o trabalho em rede, ou seja, há um planejamento geral dos professores de música para o município. Mostra que existe uma preocupação dessa área com a formação dos (as) alunos (as). Quando ela aponta a questão dos anos e faixa etária, demonstra que esse planejamento é algo pensado de acordo com as possibilidades de aprender e adequado a faixa etária, o que demonstra ainda uma preocupação de fazer algo possível com a turma. Já a professora B aponta que esse planejamento que ela utiliza não traz a música como fim, mas em um âmbito mais amplo, para a formação do sujeito. É interessante que ela fala de instrumento (sopro, cordas...), mesmo que não os utilize em sala de aula, mas aponta a importância da música para construção de raciocínio, no entanto a linguagem musical gera o produto final.

Aceitando a proposição de que a música deve promover o ser humano acima de tudo, devemos ter claro que o trabalho nessa área deve incluir todos os alunos. Longe da concepção européia do século passado, que selecionava os “talentos naturais”, é preciso lembrar que a música é linguagem cujo conhecimento se constrói com base em vivências e reflexões orientadas. Desse modo, todos devem ter direito de cantar, ainda que desafinando! Todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham, naturalmente, um senso rítmico fluente e equilibrado, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada, em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de propostas que consideram todo o processo de trabalho, e não apenas o produto final (BRITO 2003, p. 53).

Na sexta e última pergunta da entrevista foi questionado se elas acreditavam que a música poderia ser um auxílio pedagógico e como ela poderia auxiliar.

Professora A: Com certeza, eu acho que ela é interdisciplinar, principalmente na questão emocional dos alunos assim, acho que influencia demais, de expressão.

Professora B: Sim, eu acredito. Eu acho que ela... pode de várias formas, assim, ela ajuda na forma cognitiva da criança a partir do momento que ela tem que fazer a música. Ela ajuda na questão da interpretação, então... a interpretação da letra de uma música pode ser

utilizada em outros lugares da sala de aula. O raciocínio rítmico, acho que ajuda no raciocínio mental dela também. E... imagino que para poder aplicar uma matéria dentro de sala, os jogos pedagógicos envolvendo música são muito eficientes porque os alunos aprendem, se sentem convidados a participar e às vezes aprendem... sem aquele tradicionalismo de, eu aplico um conteúdo e você absorve aquele conteúdo. Você quebra um pouco essa barreira, então ele aprende a partir do momento que ele está praticando um jogo pedagógico envolvendo música, a partir daí o processo pedagógico já se iniciou e isso é muito bom.

Com base nas respostas, podemos verificar que as professoras acreditam na música como linguagem de auxílio pedagógico por abordar e trazer diversos fatores que contribuem de forma significativa para, por exemplo, o raciocínio e a interpretação.

Ao final da entrevista a Professora B ressaltou um caso vivido por ela quando ministrava suas aulas no maternal, nele, ela menciona um aluno com autismo e que de alguma forma exemplificou que a música o ajudou.

Professora B: eu nunca tinha dado aula pra nenhuma criança com deficiência antes, então eu dava aula sobre os assuntos e ele gostava, ele participava, mas no ritmo dele [...]eu tive que ensinar o vocabulário de cores e ai tinha uma atividade que eu tinha que pedir para eles acharem as cores dentro da sala de aula e ele achava sempre, era muito... prestativo. E aí todo final de ano os professores têm que fazer uma apresentação final e eu usei a música para fazer a minha.[...] na hora da apresentação ele subiu no palco junto com a turma e cantou a música, ele não cantava as frases completas, mas ele cantava as frases principais, [...]e fazia a coreografia. Eu lembro que quando isso aconteceu, eu fiquei muito na dúvida se eu tinha conseguido passar o conteúdo certo pra ele, [...]Mas ai, depois disso tudo, os pais dele e a professora vieram até mim, os pais vieram chorando muito, falando que eles ficaram muito emocionados porque eles ficaram na dúvida se colocava o filho deles na aula de inglês com medo dele... disso atrapalhar até a parte de alfabetização e isso a professora dele que me contou no dia seguinte, e só dele tá no palco sem medo e fazendo a coreografia já era um pulo gigantesco [...]e isso foi provido pela música, pelo envolvimento dele na coreografia, pelo envolvimento dele com a turma que tava fazendo a coreografia então foi uma história bem legal.

Na fala da Professora A, ela resalta que usou a música para fazer sua apresentação final com a turma e mostra explicitamente essa linguagem como ferramenta. Ela podia buscar diversas outras ferramentas, ligadas às artes ou não, mas escolheu a música, por trabalhar durante todo o ano e percebeu que obteve sucesso nos momentos que a utilizou pra introduzir conteúdo. É possível notar também que a linguagem musical também é capaz de promover a inclusão, uma vez que o aluno com

deficiência mediado pela professora conseguia absorver o conteúdo e participar das atividades em coletivo com a turma, algo que foi surpreendente até para os pais que nunca tinham visto o filho agir de forma tão espontânea e interativa, algo que não era esperado e como dito pela professora regente da criança, já era considerado como um pulo gigantesco, tanto no aprendizado como aluno, quanto ao seu desenvolvimento global.

CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados no decorrer do trabalho foi possível pontuar que a Professora A traz a música de uma maneira mais ampla, por se tratar do ensino em específico, ressalta seu valor como uma ferramenta que auxilia na expressão do ser e desenvolve a capacidade participativa, que é de extrema importância para a atuação do sujeito em nossa sociedade. A Professora B apresenta a música como uma linguagem, utilizada como ferramenta didática que auxilia no processo de desenvolvimento global do sujeito, não com o intuito de se ter a música como um produto final e, neste caso o mesmo será o que o(a) aluno(a) se torna a partir da utilização da música, e quais contribuições ela traz para sua vida, ressaltando a comunicação, interação, interesse, raciocínio. As duas professoras, de maneiras diferentes revelam a importância da mediação utilizada por elas.

No decorrer da pesquisa foi possível observar o quanto a música transforma o ambiente em um local mais alegre e prazeroso. Depois as perguntas que foram aplicadas na entrevista e as respectivas respostas obtidas contribuíram para o entendimento e fechamento da mesma. Foi possível notar que as professoras acreditam que a música auxilia na expressão, no relaxamento que detêm a atenção, e pode contribuir para uma formação mais ampliada do ser.

As respostas reforçam que a música está sempre presente no cotidiano, seja ela em momentos específicos na profissão ou momentos diários de lazer sem um objetivo específico. Podemos notar que as professoras buscam com a linguagem musical introduzir em suas aulas, algo novo, uma prática nova, desta forma a música passa a ser a linguagem que se faz presente e desperta o interesse. No entanto, é preciso ter cautela ao introduzir esse material, pois é necessário que haja dialogicidade entre a música e o contexto em que os (as) alunos (as) estão inseridos (as). E que o (a) profissional faça uma análise de como está trabalhando essa linguagem, para que as aulas sejam prazerosas e intercalem o aprendizado e desenvolvimento.

Com base no resultado das entrevistas foi possível notar que as reações dos (as) alunos (as) ao se trabalhar a música é de fato positiva, o que beneficia o aprendizado uma vez que a forma de desenvolver o conhecimento não se dá de maneira mecânica, e sim livre e espontânea.

Como acentuado anteriormente nesta pesquisa, o Município implementou a lei nº11.769/08 que introduz a música como conteúdo obrigatório no ensino, logo, os

alunos têm aulas especializadas com a professora de música. Essas aulas acontecem uma vez por semana com duração de 50 minutos.

Partindo da importância de um desenvolvimento mais relevante na atualidade, se faz cada dia vez mais interessante trabalhar a ludicidade para a aprendizagem, pois ao ser utilizada, a música torna o lugar receptivo, prazeroso e positivo para o desenvolvimento. O auxílio não está somente ligado ao aprendizado, mas também em sujeitos que tenham impasses relacionados a inibição, sociabilidade, aspectos motores.

Com base nas respostas podemos notar que foi apontado que com a utilização da linguagem musical é possível trabalhar diversos conteúdos, além de desenvolver outras habilidades, memorização, expressão, criatividade, melhoria do social entre outros.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P.E. Uma abordagem evolucionária e neurocientífica da música. *Neurociências*. 1 (1): 21-33, 2004.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *RESR, Piracicaba-SP, Vol. 51, Nº 4, p. 745-764, Out/Dez 2013.*

BONA, Paschoal. *Método Musical*. São Paulo: Augusto, 2002.

BRASIL, 2003 Lei nº 10.639/03 Lei de Diretrizes e Bases da Educação que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL, 2008. Lei nº 11.769 Lei de Diretrizes e Bases da Educação para dispor sobre a Obrigatoriedade do Ensino da Música na Educação Básica.

BRASIL, 2008 Lei nº11.645 Lei de Diretrizes e Bases da Educação que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

BRASIL, 2016. Lei nº 13.278/16. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Referente ao Ensino da Arte.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 30 ago. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 30 ago. 2019. BRASIL.

BRASIL, Plano nacional de educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>Acesso em: 30 ago. 2019.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil*. São Paulo; Petrópolis, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Editora Fundação Peitrópolis, 2001.

CHIARELLI, L. K. M.; BARRETO, S. J. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recrearte*, n.3, 2005.

CORPORAÇÃO MUSICAL. Secretaria de estado e turismo de Minas Gerais. Itabirito 2019. Histórico de patrimônio cultural - IPATRIMONIO. Disponível em: <<http://www.ipatrimonio.org/itabirito>>Acesso em: 29 set. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FONTEERRADA, Marisa Trench de O. De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Censo Escolar. Matrículas no Ensino Fundamental. Itabirito, 2018. <encurtador.com.br\IBLMX=> Acesso em: 21 de Nov. 2019.

JOURDAIN, Robert. Música, Cérebro e Êxtase. Como a Música Captura Nossa Imaginação. Trad. Sônia Coutinho Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

MUSZKAT, M; Correia, CMF; Campos, SM. Música e Neurociências. In: Revista de Neurociências. 2000; 8 (2): 67-79.

REGO, Teresa Cristina. 1999. Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Rio de Janeiro, Vozes, 138 p

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Revista Brasileira de Fisioterapia, São Carlos, v.11, n.1, p.7782, jan./fev.2007.

SNYDERS, Georges. A escola pode ensinar as alegrias da música? Trad. Maria José do A. Ferreira. São Paulo: 2. ed. Cortez, 1994.

VIGOTSKY, L. A Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento aprendizagem. 5.ed. São Paulo: Ícone, 1994.

APÊNDICES

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,
por intermédio do presente termo de consentimento livre e esclarecido, concordo plenamente em participar da pesquisa intitulada: A Música Como Linguagem Mediadora da Aprendizagem e Desenvolvimento Global do Sujeito, Também estou ciente de que a pesquisa utilizará como instrumentos para a coleta de dados questionários e entrevistas em que haverá gravações em áudio e vídeo. Sei que o preenchimento do questionário e a participação nas entrevistas é voluntária e não me acarretará qualquer ônus. Tenho conhecimento de que a pesquisa não provoca nenhum dano físico ou emocional, e que não há risco em participar dela. Concordo também que minha participação se dê a título gratuito, não recebendo, portanto nenhum honorário ou gratificação referente à pesquisa, bem como não estou sujeito a custear despesas para a execução da mesma. Tenho conhecimento que tenho o direito de me retirar da pesquisa a qualquer momento, desde que faça comunicação ao coordenador. Concordo com a possibilidade das informações relacionadas ao estudo serem inspecionadas pelo orientador da pesquisa e pelos membros do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFOP, e que qualquer informação a ser divulgada em relatório ou publicação, deverá sê-lo de forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. Assim sendo, acredito ter sido suficientemente informado (a) à respeito das informações explicadas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo. Concordo em participar, voluntariamente, deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

Mariana, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do Participante da Pesquisa
CPF:

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino
Coordenador da Pesquisa

Michelli Cristina Caetano
Graduanda / UFOP

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Tempo de profissão:

1 – Para você o que é música?

2 – Como se faz/fez seu contato com a música?

3 – De que maneira você introduz a música em sala de aula pensando na formação do ser?

4 - Como as crianças reagem quando é utilizada a música em sala de aula?

5 – De que maneira você pensa a música no planejamento?

6 – Você acredita que a música pode ser uma linguagem de auxílio pedagógico?

Em quais sentidos ela pode contribuir?